Universidades Lusíada

Frias, Hilda Moreira de

Igreja de Nossa Senhora da Quietação das religiosas descalças da regra de St.ª Clara

http://hdl.handle.net/11067/424

Metadados

Data de Publicação 2010

Resumo A Igreja de Nossa Senhora da Quietação, vulgarmente conhecida por Igreja das Flamengas, por ser esta a origem das religiosas clarissas que vieram para Portugal, é um dos interessantes exemplos da arquitectura do seu tempo e um dos poucos exemplares, ainda de pé, da obra dos arquitectos régios Frias. A história deste templo liga-se, de perto, com as histórias e as vivências da Família Real portuguesa, mais precisamente com a vida de D. Afonso VI e D. Pedro II. (Hilda Moreira de Frias)...

Palavras Chave Arquitectura de igrejas - Portugal - Lisboa

Tipo article

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] RAL, n. 2 (1.º semestre 2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T03:43:56Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

FRIAS, Hilda Moreira de (2011). “Igreja de Nossa Senhora da Quietação das Religiosas Descalças da Regra de Stª Clara”. *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 2 (1.º semestre 2011): p. 65-75. ISSN 1647-9009.

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA QUIETAÇÃO DAS RELIGIOSAS DESCALÇAS DA REGRA DE STª CLARA

Hilda Moreira de Frias[1]

Resumo

A Igreja de Nossa Senhora da Quietação, vulgarmente conhecida por Igreja das Flamengas, por ser esta a origem das religiosas clarissas que vieram para Portugal, é um dos interessantes exemplos da arquitectura do seu tempo e um dos poucos exemplares, ainda de pé, da obra dos arquitectos régios Frias.

A história deste templo liga-se, de perto, com as histórias e as vivências da Família Real portuguesa, mais precisamente com a vida de D. Afonso VI e D. Pedro II

Palavras-Chave

Arquitectura; Arte; História de Portugal; Ordem das Clarissas

Abstract

The Church of Our Lady of Quietness, commonly known as the Church of Flemish, as this is the origin of religious Clare who came to Portugal, is one of the interesting examples of architecture of its time and one of the few examples, still standing, of Frias royal architects work. The story of this temple is close connected with stories and experiences of the Portuguese royal family, specifically with the life of D. Alfonso VI and D. Pedro II

Key-words

Architecture; Art; History of Portugal; Order of Clare.

O nome Calvário, bairro lisboeta, surge, por nesse local, do lado sul da rua 1º de Maio, ter existido um convento de religiosas franciscanas da invocação de Monte Calvário, fundado em 1617, por D. Violante de Noronha[2].

Possuía esse convento, igreja rica e adornada de boas imagens, mas o Terramoto de 1755 destruiu toda a edificação, sucumbindo sob os escombros as trinta e duas religiosas que àquela data ali residiam.

Defronte ao edifício, que mais tarde se reconstruiu no mesmo local e que albergou sucessivamente diversas instituições públicas, pode ainda hoje admirar-se a esplêndida obra arquitectónica da igreja e convento de Nossa Senhora da Quietação.

---

[1] Doutoranda em Historia da Arte da Época Moderna na Universidade de Salamanca. Agente cultural no Sector de Educação do CAM/FCG. Docente do Ensino Superior desde o ano de 2000. E-mail: hilda.frias@gmail.com

[2] D. Violante de Noronha, filha de D. Francisco de Noronha com Maria de Azevedo e mulher de Pedro da Costa, armeiro-mor, em 1617.

Foto 1 - Igreja de Nossa Senhora da Quietação

Iniciou-se a construção no ano de 1582, segundo projecto e traça do Arquitecto Régio Nicolau de Frias, o qual foi continuado por seu filho, Teodósio de Frias, por mandado de Filipe I de Portugal, com o fim de albergar as religiosas clarissas flamengas, vindas, precipitadamente, para o nosso país, em virtude das perseguições protestantes na Holanda[3].

Ao chegarem ao nosso país, foram acolhidas no Mosteiro da Madre de Deus em Chelas, quatro anos mais tarde já as obras estavam terminadas e o novo e bonito convento encontrava-se pronto a ser ocupado, a 8 de Dezembro de 1586, fundando-se com vinte e uma monjas flamengas, duas noviças da mesma nacionalidade e uma portuguesa.

A invocação escolhida foi a de Nossa Senhora da Quietação, orago evocativo da calma e da paz que procuravam para que nunca mais sofressem as inquietações do passado[4]

Anos volvidos foi nesse local abençoado o casamento do rei D. Afonso VI com Maria Francisca Isabel de Sabóia[5], casamento que trouxe a Portugal a aliança com a França tal como o casamento da infanta D. Catarina com o rei Carlos II de Inglaterra nos trouxe a aliança com esse país.

[3] SIMÕES, João Miguel, O Convento das Flamengas ao Calvário, monografia histórico--artística, policopiado apresentado à Cadeira de Seminário do Curso de História, variante em História de Arte, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Junho de 1998 - A chegada das freiras flamengas a Portugal coincide com o governo de Filipe II, ou seja, entre os anos de1581 e 1583. Estas freiras, originárias de um convento da Ordem Clarissa em Alkmaar, vieram para Portugal fugidas da guerra que se travava nos Países Baixos, tendo os conflitos sido demasiado rigorosos na região onde habitavam.
A Ordem de Santa Clara, fundada no Convento de São Damião, no ano de 1212, depressa se estendeu por toda a Europa e as clarissas chegaram a Portugal pouco depois da morte de Santa Clara, em 1254. O primeiro mosteiro de Santa Maria e de Santa Clara surgiu em Lamego em 1258. Em 1259, a comunidade foi transferida para Santarém, residência habitual da corte, onde por mandado do rei D. Afonso III se construiu um mosteiro de raiz, este mosteiro de Santarém veio a tornar-se um dos mais sumptuosos e magnificentes de Portugal com capacidade para oitenta religiosas. Aquando da extinção das ordens religiosas, em 1834, havia cerca de cem mosteiros de clarissas em Portugal. Com a morte da última religiosa todos os mosteiros passaram para a fazenda pública.

[4] BNL, Cod. 7784, fls. 3 a 7

[5] D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, Filha de Carlos de Sabóia e de Isabel de Nemours, nasceu em 1646, em Paris, e faleceu em 1683, em Lisboa.
Em 1666 casou-se com o rei D. Afonso VI, mas mais tarde, após um longo e processo pediu ao Papa a anulação do casamento.
Em 1667, depois de ter conjurado com alguns nobres e com o seu cunhado e futuro marido D. Pedro para que D. Afonso VI abdicasse em favor do irmão (o que aconteceu nesse ano), D. Maria Francisca demitiu o poderoso D. Luís de Vasconcelos e Sousa, Conde de Castelo Melhor, do seu cargo de escrivão da puridade e exilou-o. Este, que na verdade era quem governava Portugal como valido de D. Afonso VI, só voltou em 1687, após a morte da rainha.
A 28 de Março de 1668 casou-se com o cunhado e regente da coroa, futuro rei D. Pedro II, e em 1669 nasceu a infanta D. Isabel Luísa Josefa, que viveu só 21 anos. In http://www.infopedia.pt/$d.-maria-francisca-isabel-de-saboia.

O contrato do casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca foi assinado em Paris a 24 de Fevereiro de 1666 mas o matrimónio só se realizou a 27 de Junho em La Rochelle, indo o marquês de Sande[6], então Embaixador de Portugal, à cerimónia, em representação do monarca português.

A noiva embarcou para Lisboa, a bordo de um dos navios da esquadra francesa, a 30 de Junho, chegando a 2 de Agosto. Foi o nosso rei recebê-la a bordo, acompanhado pela corte. O cortejo dirigiu-se à igreja das Flamengas onde o Bispo de Targa abençoou os noivos.

Anos depois, o segundo marido de D. Maria Francisca e irmão de D. Afonso VI, o rei D. Pedro II, deixará em testamento o desejo de ficar depositado neste templo, o seu coração.

Encontra-se na capela-mor, do lado do Evangelho, sob uma lápide que mede 0,56m de largo por 0,41m de alto compreendidos os cordões que a enquadram e com a seguinte inscrição:

COR JACET HiC PETRI
REGIS MORTALE SECVNDI
COR VIVE BATVBI
COM TVMVLATVR IBI

Foto 2- Lápide com inscrição sobre o coração do rei D. Pedro II

Segundo António Caetano de Sousa, na sua História Genealógica[7], é-nos descrito o processo de embalsamento do corpo do rei "… foram as vísceras e o coração depositados na igreja das religiosas flamengas… levados à noite, com a decência devida, por António Rebelo da Fonseca, que servia de porteiro da câmara". O corpo embalsamado de D. Pedro II foi levado para S. Vicente, Onde está sepultado, como se comprova ter sido sua vontade por o expressar em testamento – "… o meu corpo será sepultado na igreja de S. Vicente de Fora, junto do túmulo de minha sobre todas muito amada e prezada mulher D. Maria Sofia Isabel, que está em Glória…"

Algumas pedras tumulares podem-se ver, ainda hoje nesta igreja, não ao longo do corpo da mesma, como estavam colocadas primitivamente, mas ao fundo, alinhadas paralelamente.

Em obras levadas a cabo no interior do templo, todo o pavimento foi levantado, encontrando-se algumas passagens subterrâneas que, em alguns locais, atingem considerável profundidade e algumas ossadas, possivelmente de religiosas pertencentes à comunidade.

[6] Francisco de Melo e Torres, marquês de Sande, Militar e diplomata português do século XVII. Foi-lhe ministrada uma cuidada educação por jesuítas, com destaque para a matemática e a geografia. Desempenhou funções de chefia militar na Batalha do Montijo, em 1664, e chegou a general. Foi também governador de Olivença. Iniciou a carreira diplomática durante a regência de D. Luísa de Gusmão. Negociou o casamento de Carlos II de Inglaterra com D. Catarina de Bragança, em 1661, e contratou depois o casamento de D. Afonso VI com D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, realizado em 1666. Foi assassinado em 1667, In www.infopedia.pt/$francisco-de-melo-e-torres-marques-de-sande.

[7] SOUSA, António Caetano de, C.R., 1674-1759, História genealógica da casa real portugueza, Lisboa Occidental: Na Off. de Joseph Antonio da Sylva, 1735-1749.

As pedras tumulares são sete, tendo, quase todas as mesmas dimensões e a seguinte posição:

?	?	?	Jerónimo Anriques	Manoel da Silva Louzado e Herdeiros	Teodósio de Frias e Leonor Pereira	Duarte Smite e Joana Galoa

Mede a sepultura de Teodósio de Frias1,90m por 0,87m de largura, com a seguinte inscrição[8]:

S ª PerPeTva DE THEODOSIO
D FRIAS CAVLro FIDALGO Da CA
AS DS Md SEV ARCHITECTO E
MESTRE De SVAS OBRAS E Da CI
DADE D Lxa E ARCEBPDO iViDA
BA-ACA DA CASADA MOEDa DeLA
Fº De NICOLAO De FRIAS CAVALro
DO ABITO De XPO E ARCHITE
CTO DO DITO SÕR E De SVA
MOLHER D. LIANOR PREIRA
OS QVAIS POR GRÃD DVAÇÃ
Q TIVERÃO A ESTES CÕ VETO _
ESCOLHRERÃO ESTE IAZIGUO
PERPETUO NELE E FES AS CA
SAS DO MOSTro NOVO POR
MANDADO D SVA Me Q A ORD
DO QVAL COREO E QVÃTO VI
VE O POR AMOR D DS FALECEO
ELLA A 18 D DEZEMBR
O D 1627 E ELLE A ii D
NOVEMBRO D 1634

Das restantes sepulturas só se encontram em condições de ser lidas, três pois as demais estão de tal forma gastas, que é impossível fazer uma leitura conveniente.

S ª De JERONIMO
Anriques e de
Gracia Da VeiGA
SVA MOLHER E DE
SEVS HERDEIROS
FALECEO ELA A 29
DE JUNHO De1588
E ELLE A 21 DeNOVE
BRO DE 1595

S ª DE MANOEL DA SIL
VA LOUZADO E DE SVA MO
LHER IZABEL DASILVA
E DE SEVS HERDEIROS O
QAL FALECEO A 11 DE F
FEVEREIRO DE 1683

[8] Carvalho, Aires de, D. João V e a Arte do seu Tempo. Lisboa, 1962. 2 vol, surge a seguinte informação: " Faleceu Teodósio de frias Cavalr º da Ordem de Cristo e Almox.e do Pescado Solt º e morad ºr na quinta de El Rey no lugar de Alcatra... e enterousse na sepult ªr de seus avvos na Igr ª da Sr ª da Aquietação do Conv.tº das Flamengas...". Teodósio de Frias Pereira faleceu a 13 de Outubro de 1683 e era neto do arquitecto deste templo, Teodósio de Frias.

PEDE HV P. Nosso E AVE
M ª POR SVA ALMA

SEPOLTURA. DE DUARTE
SMITE E DE JOANA GALOA
SVA. MOLHER.E DE SEVS.
HERDEIROS. ELLA FALECEO
A 11 DE FEVEREIRO.ANNO DE
1.604

Num artigo da Revista Archeológica e Histórica, fala-se também da sepultura de:
- Simão Granact e de sua mulher e herdeiros; faleceu a 12 de Abril de 1682
- Pedro Fernandes, pai de três filhas religiosas neste convento, faleceu a 2 de Dezembro de 1646
- João Antunes e sua mulher Domingas Roiz
- Álvaro de Castro Macedo – esta campa está quebrada, tendo o escudo de armas bipartido, seis arruelas e três cruzes de Santiago, a ilustram. [9]

Como já foi referido a traça deste mosteiro é, provavelmente, da mão de Nicolau de Frias, grande arquitecto, escultor de madeira e entalhador, muito querido de D. Sebastião.

Com ele se dá início a uma nova plêiade de arquitectos, que ao longo de sucessivas gerações se vão notabilizando no exercício das suas artes. Em casa de Nicolau existia uma escola, onde se aprendia a traçar e a debuxar, tendo tido por discípulos: Pedro Mendes, pai de António Gonçalves; Bartolomeu Roiz ou António Pires e os irmãos Domingos e Gaspar Coelho, imaginários, entalhadores e arquitectos de retábulos.

Aquando da jornada de Alcácer Quibir (Batalha de 4 de Agosto de 1578), Nicolau e Filipe Terzi, acompanharam D. Sebastião no cargo de Sitiadores de Campo e Engenheiros Superiores. Os dois ficaram prisioneiros, sendo Filipe Terzi de imediato resgatado, por ordem do cardeal-rei D. Henrique. Nicolau, após um ano de cativeiro é resgatado e regressa ao reino. Em atenção a esse facto e a outros serviços que havia prestado, receberá a tença de 20.000rs. por ano e o Hábito de Cristo.

Por morte de Filipe Terzi, sucede-lhe no cargo de Mestre de Obras dos Paços da Ribeira, para o qual lhe é designado o vencimento de 60.000rs, o mesmo que recebia Terzi.

Na Escola de Moços Fidalgos do Paço da Ribeira, no ano de 1594, Filipe II estabelece sob a regência de Filipe Terzi, arquitecto-mor, as primeiras aulas de arquitectura civil, após Terzi, seguiu-se-lhe o mestre de arquitectura Nicolau de Frias entre os anos de 1597 e 1610.

À frente destas aulas contaram-se outros Frias, pois o privilégio deste ensino persistiu ligado à família, seguindo-se os Tinocos e os Torrianos[10].

[9] SIMÕES, João Miguel, O Convento das Flamengas ao Calvário, monografia histórico--artística, policopiado apresentado à Cadeira de Seminário do Curso de História, variante em História de Arte, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Junho de 1998. Segundo João Miguel Simões, a «disposição das sepulturas era a seguinte: a partir do arco triunfal a primeira era a de Simão Granaet, falecido a 12 de Abril de 1682, e de sua mulher e herdeiros. A segunda era a de Manuel da Silva Louzado, falecido a 17 de Fevereiro de 1683, de sua mulher, Isabel da Silva, e de seus herdeiros. A terceira era a de Teodósio de Frias, falecido a 11 de Novembro de 1634 e de sua mulher Lianor Pereira, que morreu a 18 de Dezembro de 1627. A quarta sepultura pertencia a Pedro Fernandes, pai de três religiosas "flamengas" e que morreu a 2 de Dezembro de 1627. A quinta sepultura era a mais antiga e estavam nela enterrados Jerónimo Anriques, falecido a 2 de Novembro de 1592 e sua esposa Grácia da Veiga que morreu a 29 de Junho de 1588. A sexta é de João Antunes e Domingas Roiz. Duarte Smith e Joana Galoa estavam na oitava. Por debaixo da pia baptismal ficava a de Álvaro de Castro e Bárbara de Tápia que possuíam uma sepultura brasonada, tendo esta benfeitora dourado o altar-mor em 1604.»

[10] Fontes, Carlos, História da Formação Profissional e da Educação em Portugal http://educar.no.sapo.pt/histFormProf27.htm#_ftn6

Também seu filho Teodósio de Frias aprendeu na sua Escola as bases e ensinamentos que o tornariam arquitecto de retábulos e futuro arquitecto régio, pois Teodósio foi que de mais perto seguiu o caminho artístico que já influenciara a vida dos seus antepassados.

Trabalhou com o cunhado, Domingos Vieira Serrão, nas obras da Charola do Convento de Cristo em Tomar, foi nomeado Juiz da Balança da Casa da Moeda e Recebedor do Dinheiro das Partes Vivas da Mina e mais tarde obtém o cargo de Arquitecto Régio e o de Superintendente de Jardineiro e demais homens da Real Quinta de Alcântara, tornando-se um dos primeiros Arquitectos-Jardineiros, a exemplo de alguns espanhóis, como Herrera, Gaspar da Vega ou outros.

Em 1603 o rei D. Filipe II nomeia D. Teodósio de Frias Arquitecto Régio do Paço de Alcântara[11] e em 1610, Mestre das Obras do Paço da Ribeira, por falecimento do se pai.

Orientado a ocidente, o edifício religioso do qual foi arquitecto, ostenta uma fachada sóbria e austera, com portal encimado pelo brasão real do período filipino, ladeado por duas volutas e no qual as quinas se encontram invulgarmente em aspa.

Foto 3 - Portal da igreja de Nossa Senhora da Quietação

Foto 4 - Pormenor

No andar superior abrem-se janelões rectangulares que correspondem no interior ao lado da Epístola e iluminam o templo. Este é de uma só nave, com altura considerável, coberta de abóbada de canhão, assim como a capela-mor. Ambas são embelezadas por decoração tardia, representando a Sagrada Eucaristia e a Coroação da Virgem, trabalho da autoria de João Grossi[12].

[11] Castelo-Branco, Fernando, "Lisboa Seiscentista", 3ª Edição, Lisboa, 1996, pp. 120

[12] Vindo de Turim. Cf. www.estuque-decorativo.com.pt/

Foto 5 e Foto 6 - Interior do templo

Foto 7 - Tecto pintado com a Coroação da Virgem

As paredes são recobertas de azulejos que narram as vicissitudes passadas pelas religiosas flamengas aquando da sua fuga.

Foto 8 - Azulejos na nave da igreja

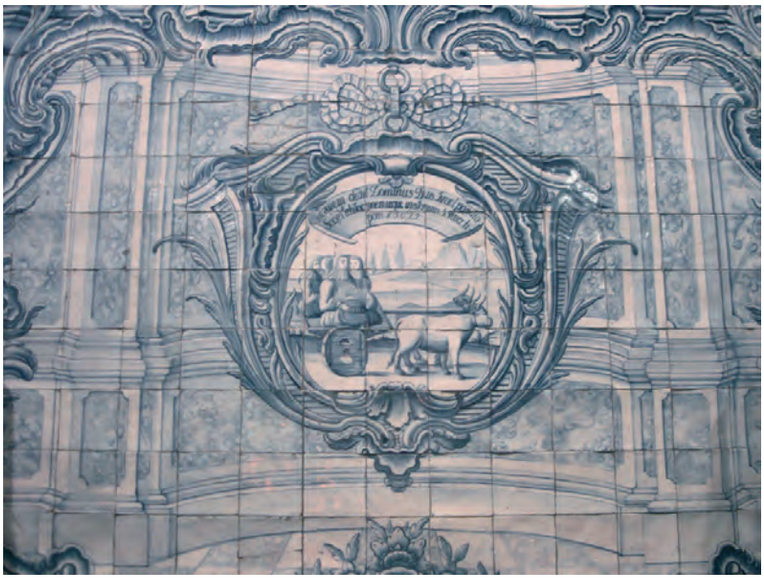

Foto 9 - pormenor azulejar

A ladear a capela-mor existem duas capelas, uma dedicada a Nossa Senhora da Quietação, única com esta invocação em Portugal.[13]

Do lado direito acha-se a entrada para a sacristia de planta quadrangular, com pavimento de embutidos de mármore policromo, tecto de madeira plano.

Foto 10 - Chão policromo de mármore

[13] Pereira, Luis Gonzaga – Monumentos Sacros de Lisboa, 1833

Foto 11 - Tecto em madeira pintado

Na parede central observa-se um magnifico crucifixo, assim como dois arcazes de pau preto de notável obra indo-portuguesa e oito telas, trabalho atribuído a Pedro Alexandrino.

Foto 12 - Cristo crucificado que se encontra no interior da sacristia

Foto 13 - Arcazes em pau-preto, no interior da sacristia

Fronteira à capela-mor situa-se a tribuna do coro-alto, com balaustradas de madeira fingindo mármores e que comunica com o coro através de um largo portal de arco de volta perfeita.

O coro, amplo espaço com magnífico cadeiral, possui tecto de madeira, dividido em painéis, com frisos decorativos pintados a têmpera. Na parede do fundo sobressaem estofadas e douradas as imagens de santo António e santa Rita.

Foto 14 - Vista da nave, púlpito e coro alto

O antecoro é uma quadra rectangular em cujo tecto sobressaem as pinturas de Bento Coelho da Silveira, pintor régio de D. Pedro II.

O claustro é um admirável elemento arquitectónico Maneirista com excelentes exemplos azulejares. Possui dois pisos, em que o primeiro é de maior altura, com colunas toscanas que assentam em plintos, unidos por pequenos muros, com panos de azulejos azuis e brancos de padrão do séc. XVII, colocados, no primeiro piso, no lado exterior e interior e só no interior, no segundo piso, com decoração floral. O centro do claustro possui um pequeno jardim, com fonte central oitavada, de mármore.

Foto 15 - Pormenores do Claustro

No século XIX, aquando da extinção das ordens religiosas, havia cerca de 100 mosteiros de irmãs clarissas em Portugal e com a morte da última freira todos os mosteiros passavam para a fazenda pública.

Este espaço passará, mais tarde, para a alçada da Irmandade de Nossa Senhora da Quietação e para a comissão executiva do Instituto Ultramarino, criado por Decreto de 11 de Janeiro de 1891, destinado à protecção das famílias dos oficiais e praças da Armada e dos Exércitos do Continente e das Províncias Ultramarinas e dos funcionários civis que ficaram desprovidos de meios, por terem os seus chefes falecido em serviço do Estado nos territórios portugueses de África, Ásia e Oceânia[14].

Embora com necessidades visíveis de intervenção a nível do próprio edifício e das obras de pintura que contém, é um exemplar interessante e que perdurou nos tempos até aos dias de hoje, albergando os restos mortais do seu próprio arquitecto e descendentes.

Fontes

BNL, Cod. 7784, fls. 3 a 7
Ministério das Finanças, Convento de Nossa Senhora da Quietação de Lisboa, cx. 1963

Bibliografia

Carvalho, Aires de, D. João V e a Arte do seu Tempo. Lisboa, 1962. 2 vol,
Castelo-Branco, Fernando, “Lisboa Seiscentista”, 3ª Edição, Lisboa, 1996
Fontes, Carlos, História da Formação Profissional e da Educação em Portugal
Pereira, Luis Gonzaga – Monumentos Sacros de Lisboa, 1833
Simões, João Miguel, O Convento das Flamengas ao Calvário, monografia histórico--artística, policopiado apresentado à Cadeira de Seminário do Curso de História, variante em História de Arte, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Junho de 1998
Sousa, António Caetano de, C.R., 1674-1759, História genealógica da casa real portugueza, Lisboa Occidental: Na Off. de Joseph Antonio da Sylva, 1735-1749

Netgrafia

http://www.infopedia.pt/$d.-maria-francisca-isabel-de-saboia
in www.infopedia.pt/$francisco-de-melo-e-torres-marques-de-sande
http://educar.no.sapo.pt/histFormProf27.htm#_ftn6
www.estuque-decorativo.com.pt/

HILDA MOREIRA DE FRIAS

Mestre em Arte, Património e Restauro - Gestão Patrimonial, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
Doutoranda em Historia da Arte da Época Moderna na Universidade de Salamanca.
Bolseira da Fundação Oriente, para a elaboração da investigação sobre Arte de Entalhe na Antiga Índia Portuguesa entre 1995/97.
Coordenadora da Área de Expressões Artísticas e professora dos curso de Historia da Arte em Portugal e de História da Moda do CCL-ISCTE.
Agente cultural no Sector de Educação do CAM/FCG, Museu Gulbenkian, Museu Nacional de Arte Antiga e a Casa das Histórias – Paula Rego
Docente do Ensino Superior desde o ano de 2000

[14] Ministério das Finanças, Convento de Nossa Senhora da Quietação de Lisboa, cx. 1963